O agronegócio é o seguinte:

Mais que retórica

Há alguns anos era evidente a participação pouco expressiva do empresariado brasileiro em processo de negociação comercial internacional. Em relação à sociedade civil, a participação, hoje mínima, era inexistente. Só quando as conseqüências do que fora negociado se materializavam, trazendo maior competição no mercado interno ou em mercados externos anteriormente cativos, os empresários se davam conta de que o país havia negociado algo contrário a seus interesses diretos. Essa constatação era especialmente verdadeira em relação às lideranças do agronegócio.

As negociações com vistas à integração do Cone Sul funcionaram, até certa medida, como um divisor de águas. Algumas reduziam o Mercosul a um acordo de importância menor, que possibilitaria à indústria paulista vender mais eletrodomésticos aos argentinos e ao Brasil importar mais trigo ou derivados de leite. A realidade tratou de desmoralizar os que assim pensavam.

Quando foram dados os primeiros passos rumo à Alca e ao Nafta todos já estavam mais espertos. A CNI constituiu diversos grupos de trabalho que, de forma estruturada, discutem os principais temas objeto de negociação. Sem dúvida, um grande avanço para uma sociedade que mal se apercebia da importância estratégica do Mercosul.

Agora, à preparação da Alca e do Nafta, soma-se o desafio de considerarmos uma aproximação do Mercosul com a União Européia. Há poucas semanas, o comissário europeu de comércio Pascal Lamy esteve no Brasil. Lamy é duro e direto. Deixou claro que 5 milhões dos 7,5 milhões de agricultores europeus dependem diretamente das políticas de sustentação de renda. E, por esta razão, não deseja incluir o tema nas discussões, seja OMC ou Mercosul-UE.

A despeito da costumeira franqueza de seu negociador, a Europa tem buscado argumentos de defesa de seus pontos de vista, como a tese da multifuncionalidade da agricultura, da segurança alimentar etc. Já os EUA adotam estratégia de negociação bastante diferente. Tradicionais críticos do protecionismo europeu, defendem a abertura irrestrita de mercados. Sem qualquer constrangimento, adotam para sua economia os sistemas de proteção que julgam necessários. Agora mesmo o Congresso norte-americano discute a nova lei agrícola, a vigorar entre 2001 e 2011. O projeto prevê expressivo aumento de recursos destinados a sustentar a subsidiada agricultura da dita economia mais liberal do mundo.

Tudo isso demonstra o enorme equivoco que cometemos ao reduzirmos unilateralmente nossas alíquotas de importação sem negociar previamente as devidas contrapartidas por parte dos países parceiros. As autoridades governamentais brasileiras cumprem seu papel proferindo duros discursos, quando exigem a inclusão das questões agrícolas em toda e qualquer negociação. Nossas lideranças empresariais apóiam o discurso oficial, muitas vezes exigindo mais pressão governamental. Será que discursos duros são suficientes?

* * *

O especial Flores, Frutas & Hortaliças, que começa na página 8 desta edição, só foi possível graças à dedicação de seus organizadores, o engenheiro agrônomo Antônio Hélio Junqueira e a economista Marcia da Silva Peetz. A ambos, o nosso agradecimento.



A MAIS COMPLETA LINHA DE PNEUS AGRÍCOLAS AGORA COM 7 ANOS DE GARANTIA.

Os pneus de tração diagonais e radiais para uso agrícola da Goodyear têm tudo que o homem do campo procura para colher as melhores safras e os melhores frutos. Quem procura resistência, durabilidade e a mais avançada tecnologia já sabe muito bem onde encontrar. Os pneus agrícolas Goodyear têm tração superior, maior poder de autolimpeza, melhor dirigibilidade e conforto para o operador e a tranqüilidade de uma assistência técnica sempre presente no campo, assegurando um resultado perfeito em qualquer tipo de solo e de equipamento. Por isso, peça sempre Goodyear, a melhor safra de pneus agrícolas.

SAC 0800 16 16 54
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
e-mail: unagricola@goodyear.com



GOODYEAR